


# Música, filosofia e transcomplexidade: uma conjunção entre o homem, a melodia, o pensamento e a realidade

## Música, filosofía y transcomplexidad: una conjunción entre hombre, melodía, pensamiento y realidad

Gregth Raynell Hernández Buenaño\*  
 <https://orcid.org/0000-0002-4525-5774>  
Caracas / Venezuela

**Recebido:** Junho/22/2023    **Revisado:** Julho/7/2023    **Aceito:** Agosto/21/2023    **Publicado:** January/10/2024

Como citar: Hernández, B. G. R. (2024). Música, filosofía e transcomplexidade: uma conjunção entre o homem, a melodia, o pensamento e a realidade. *Revista Digital de Investigación y Postgrado*, 5(9), 21-33. <https://doi.org/10.59654/e909be83>

\* Dr. em Educação. Metropolitan International University. Diretor de Assuntos Acadêmicos. Email: [gregthhernandez@gmail.com](mailto:gregthhernandez@gmail.com)



## Resumo

Este documento pretende evidenciar a relação entre a música e o pensamento, duas formas de arte e expressão, que se orientam no desenvolvimento de um equilíbrio entre ciência, arte, lógica e emoção, demonstrando a necessidade do ser humano em manter uma visão integral e transcendental sobre seu contexto. Ele tenta conceber uma percepção profunda e integradora da realidade. Com o surgimento da transcomplexidade, o homem se depara com a possibilidade de construir uma visão aberta, reflexiva e integradora do seu ambiente, com a intenção de resignificar sua percepção da realidade de uma forma flexível e inacabada. No entanto, no estudo filosófico da música, ela tem mostrado desde o início alguns aspectos que a transcomplexidade tem oferecido ao homem na contemporaneidade. Será que a música é um precedente do códex transcomplexo? Sua natureza filosófica permite vislumbrar uma relação complexa e integradora do homem e seu ambiente? A música é o início do despertar gestáltico? Por isso, o autor utiliza uma jornada entre música e filosofia, buscando superar as fronteiras clássicas na sua apreciação e estudo, demonstrando sua importância no contexto da transcomplexidade em sua tentativa de construir novas representações para ver a vida e resignificar a realidade.

**Palavras-chave:** Música, filosofia e transcomplexidade.

## Resumen

El Presente documento, pretende evidenciar la relación entre la música y el pensamiento, dos formas de arte y expresión, que se orientan en desarrollar un equilibrio, entre la ciencia, el arte, la lógica y la emoción, que demuestran la necesidad del hombre en sostener una visión integral y trascendental sobre su contexto, en un intento de concebir una percepción profusa e integradora de la realidad. Con el surgimiento de la transcomplejidad, el hombre se encuentra ante una posibilidad de construir una visión abierta, reflexiva e integradora de su entorno, con la intención de resignificar su percepción de la realidad desde una postura flexible e inacabada. No obstante, en el estudio filosófico de la música, esta nos ha demostrado desde sus inicios algunos aspectos que la transcomplejidad ha proporcionado al hombre en la contemporaneidad. Por lo que ¿será la música un precedente del códex transcomplejo? ¿Su naturaleza filosófica permite vislumbrar una relación compleja e integradora del hombre y su entorno? ¿La música es el principio del despertar gestáltico? Por ello, el autor se vale de un recorrido entre música y filosofía, buscando superar las fronteras clásicas en su apreciación y estudio, demostrando su importancia en el plano de la transcomplejidad en su intento de construir nuevas representaciones para ver la vida y resignificar la realidad.

**Palabras clave:** Música, filosofía y transcomplejidad

## Pensamento e melodia: dois lados da mesma moeda

Desde o início da humanidade, a música tem sido uma expressão primordial da criatividade e curiosidade do indivíduo. Desde a pré-história, quando o homem nômade via a caça e a coleta como meios de sobrevivência, até os tempos modernos, em que o homem constrói rotas ou escadas para se conectar com as estrelas em mais de um sentido, a música sempre esteve presente. Assim, é uma expressão que, apesar das limitações, falibilidades e defeitos do homem, é um exemplo notável de sua grandeza.

A música é, assim como o pensamento, uma expressão em constante evolução, resultado de sua natureza inacabada e adaptativa, um produto de um eterno vai e vem. Ela visa expressar sentimentos, emoções, situações e outros eventos da realidade. A vida em si representa uma jornada envolvida em múltiplas melodias e formas de pensar, ambas sendo formas harmônicas dotadas de seu próprio sentido de beleza e verdade. Elas partem do nascimento e levam a caminhos incertos, envoltos em uma aura de mistério e espiritualidade.

Visto dessa forma, o homem em sua jornada encontra várias melodias e maneiras de pensar. Cada uma está sujeita a diferentes formas de conceber, interpretar e construir a realidade. Sua natureza filosófica o impede de aderir a uma forma específica; pelo contrário, aponta para a multiversalidade, um construto que segue um fio narrativo entre diferentes realidades, impulsionado pela diversidade de formas de pensar, sentir e ver. Assim como a filosofia, a música não se desvia dessa realidade. Ela se concentra em moldar e transformar o ser humano em várias etapas da vida, com ambas resultando em maneiras de erigir beleza, verdade e singularidade, tudo sob o conceito de harmonia. As primeiras interpretações musicais foram inspiradas pela mimese, uma postura que capturava sons e buscava recriá-los, resultando em uma representação do mundo natural através das capacidades musicais do homem.

É assim que o mundo natural representa para o homem uma base ontológica para entender certos eventos e fornecer explicações. A partir disso, Pitágoras vê a música como uma ciência da proporção, que, através de 4 números inteiros ou texturas, oferece uma natureza puramente matemática e racional, formando o pitagorismo musical. Nicola (2008) descreve-o como uma doutrina hermética que baseia o conceito de harmonia e sua presença na natureza de maneira matemática, impedindo qualquer posição contrária. Essa harmonia permite outras aplicações, como destaca Aguilar (2017), para a catarse e a atenção aos 4 humores, aspectos que reforçam sua característica especulativa.

No entanto, apesar dessa aparência instrumental e/ou especulativa, é evidenciada uma parcela da realidade onde a música não segue totalmente uma fundamentação matemática. Embora tenha um caráter racional, ela também tem um caráter sensível e até cultural, prevendo novas maneiras de visualizá-la e interpretá-la. Além da música, a partir do mundo natural, o homem concebeu um conjunto de ciências chamadas naturais ou exatas que, baseadas na explicação ou "*Erklaren*", formulam uma relação causa-efeito, uma lógica formal que, através da objetividade, determinismo e verificação, estabelece mecanismos rigorosos para estudar a realidade.

No entanto, isso se mostra ineficiente para estudar realidades que requerem conceitos baseados em inter-relações, integrações que mantêm relações alternativas à linearidade, em resposta à sociedade.

Do ponto de vista musical, essa insuficiência foi observada, pois a mimese não deve se concentrar apenas na recriação do mundo natural sob o esquema matemático. O conceito de harmonia envolve um estado dialógico entre diferentes contextos, realidades, percepções, sugerindo alternativas para recriar a natureza, envolvendo a manifestação do desenvolvimento sociocultural em diferentes contextos, gerando construtos emergentes em face destas representações.

Essa nova sensibilidade estimula novas criações, onde a melodia não só busca explicar o mundo natural, mas também representar e até criticar tecidos com maior articulação e interação entre as partes, como a sociedade, cultura e até a interioridade do ser, fortalecendo o estudo dessa quinta essência. O estudo desta quinta essência, visto da interioridade do ser e da música, implica entender que o ser humano é um ser vibrante, isto é, ressoa em certas situações, ideias e sentimentos. Sugere-se então a presença de um tom interior, um som, uma expressão melódica que o homem exterioriza em sua vida cotidiana ao longo de sua vida, da mesma forma que ele tem uma forma de pensar e até uma filosofia própria. Dessa perspectiva, a música previu certas transformações epistêmicas que, no contexto da ciência e da filosofia, se manifestaram, como o desenvolvimento da lógica.

A lógica clássica baseia-se em preceitos positivistas restritivos, ao ponto de se tornarem dogmáticos, como as primeiras impressões pitagóricas da arte do som ou música. A lógica dedutiva linear herda os princípios de identidade, de não contradição, do terceiro excluído e até mesmo de alguns postulados euclidianos. A sua natureza é descrita por [Martinez \(2015\)](#) como aquela que guia a mente para fazê-la ver, demonstrando que um teorema ou proposição determinada está implícito nos axiomas, postulados ou princípios fundamentais, aceitando como base aqueles que são evidentes por si só e não precisam ser provados.

Por outro lado, o mesmo autor refere-se à lógica indutiva linear como aquela com uma abordagem oposta, que generaliza a partir de observações específicas para uma conclusão geral, também vista como universal. Este esquema lógico prevaleceu notavelmente no estudo da realidade. No entanto, assim como sua contraparte musical, observou-se certa deficiência, devido ao seu caráter parcialmente irreal, especialmente em situações associadas à sociedade e suas estruturas. Onde a lógica linear, nem unidirecional nem causal, são suficientes para a entender, pois várias características intervêm, proporcionando um dinamismo que o positivismo não percebeu.

A esse respeito, autores como [Merleau-Ponty \(1976\)](#) destacam que o estudo dessas estruturas não pode ser determinado de fora, pois não se originam do físico; baseiam-se numa rede de relações e integrações que, mais do que serem conhecidas, são vividas e precisam ser compreendidas. É aqui que o "verstehen" emerge. Deste ponto de vista, a realidade é estudada a

partir do emergente, uma posição que envolve uma lógica dialógica ou dialética, onde todas as partes são vistas do todo e vice-versa. Autores como Dilthey (1976) destacam a importância de um processo interpretativo que reconhece as partes num ciclo repetitivo, também conhecido como hermenêutico.

Nesta linha de pensamento, a natureza humana obedece a uma lógica hermenêutica, onde se busca o significado de diversas situações através de uma interação dialética ou movimento do pensamento, envolvendo relações ontoepistêmicas emergentes. A música segue esta natureza e, através da harmonia, procura manter uma relação entre sons, ritmos, melodias, psique, mente, entre outros, através de um todo, possibilitado pelo pensamento dialógico.

A harmonia, na música, ou a hermenêutica na filosofia, representam duas faces da mesma moeda. Elas se baseiam na necessidade do homem de manter uma lógica integrativa e reflexiva com a possibilidade de construir novos significados, partindo de um diálogo frutífero dotado de profunda reflexividade, complementaridade e recursividade. Ambas as posturas, atualmente, sustentam um relativismo que se aproxima do passado, evidenciando um neo-renascimento do pensamento grego e outras formas de pensar, todas focadas em incitar um estado de consciência, um despertar gestáltico que permite ao homem construir novas interpretações sobre a realidade e redefinir as existentes.

### **Transcomplexidade: uma orquestra entre melodia e pensamento**

Até agora, a música tem sido usada pelo homem para recriar o mundo natural, interpretar o tecido sociocultural e até criticar o caminho da humanidade. No entanto, devido à sua natureza harmônica, a música concentra-se na busca pelo todo, reconectando-se com princípios, fundamentos, disciplinas e outras representações através da maravilha e curiosidade, e no processo tece um caminho superior às lógicas convencionais que gera mais perguntas e respostas, impulsionado pela incerteza e múltipla natureza da realidade.

Essa busca pelo todo também é observada no desenvolvimento humano e em seu debate entre explicação, compreensão e crítica; não se trata de parcelar a realidade ou de focar apenas nas relações internas de um contexto, mas de enfatizar a transcendência. Em outras palavras, incentiva uma abordagem que deve superar e se inclinar para a transdisciplinaridade, onde diferentes disciplinas se relacionam, borrando as barreiras paradigmáticas e incitando um estado de consciência, ou seja, um despertar transcendental para a soma de suas partes.

Nesta linha de pensamento, surge a transcomplexidade, um estado de consciência que permite ao indivíduo ver relações entre diferentes disciplinas e guiar explicações, compreensões e críticas, todas imersas na realidade, fornecendo uma visão integral do homem e de seu ambiente. O que é descrito se concentra em superar, de acordo com Martínez (2017), o realismo ingênuo, rompendo com o sufocamento reducionista e entrando em uma lógica sistemática, integral e ecológica, ou seja, em uma consciência universal e integradora que defende novas maneiras de construir ciência. Mas como se visualiza a transcomplexidade na música?

A transcomplexidade na música destaca diferentes maneiras de escrever, descrever, interpretar e ensinar música, entendendo que não existe apenas uma percepção ou gênero. Existem diferentes tradições com características divergentes de composição e interpretação que, através da interação dialógica, podem resultar em novas manifestações musicais alternativas ao cânone, sem se limitar ao racional, cultural, emocional ou espiritual.

Da mesma forma, a transcomplexidade, ao fortalecer as conexões com o passado sob um relativismo suave, busca uma renovação do pensamento clássico como se fosse um movimento neorrenascentista, expandindo a percepção de certos conceitos e inter-relações no tecido social, borrando as barreiras disciplinares. Um exemplo vem das aplicações médicas desenvolvidas por [Sacks \(2009\)](#), onde a música é implementada em abordagens médicas e psiquiátricas como um fator de estímulo cerebral e, de neurociência, são observados efeitos benéficos na neuroplasticidade, envolvendo novas sinergias no homem sem distinção entre ciência e arte. Esta percepção aparentemente nova é uma reconexão com a tradição grega, onde filósofos como Platão a reconheciam como um alívio para a alma, uma forma de catarse e até mesmo um meio de abordar certos comportamentos e doenças ligadas ao corpo.

O exposto destaca várias relações dialógicas entre ciência e artes, alimentando-se de diferentes tecidos disciplinares até resultar em uma expressão transcomplexa. A transcomplexidade, em conjunto com a música e a filosofia, deve orientar os caminhos no homem através de vestígios de maravilha, uma jornada em que a busca consciente pelo conhecimento se estende por inúmeros princípios, fundamentos, pensamentos e paradigmas, imersos em múltiplas visões de mundo em constante construção e desconstrução. Isso não envolve apenas uma jornada pela realidade externa, mas também reconhece a realidade interna, caracterizada como aquela vibração ou filosofia pessoal, aquela visão de mundo recursiva, inacabada e reflexiva que, como a realidade, permanece em constante evolução, tornando a transcomplexidade uma ponte entre ambas as facetas da realidade.

Nesse sentido, a música e a filosofia são maneiras de entender, aprofundar e interpretar a relação entre o homem e a realidade, tudo sob o halo transcomplexo, gerando aquele estado consciente e gestáltico que traz à luz o ser interior e expõe nuances ocultas imersas no espectro da incerteza. Este estado de consciência é uma oportunidade para se desapegar dos métodos consagrados e envolver novas maneiras de mergulhar na incerteza. Na música, trata-se de virar a criatividade além da lógica ou do sentimento, trata-se de manter a consciência, se desapegar dos métodos existentes e, como indica [Aguilar \(2017\)](#), desenvolver uma ideia e, no processo, construir uma estrutura em torno dela que obedeça a uma relação dialética entre o homem, suas facetas e múltiplas realidades, afastando-se da tradição existente.

Em termos de pesquisa, a filosofia permitiu argumentar que a ciência não se refugie no conforto metodológico que, sob fórmulas, limita a geração de novas ideias e até prevê práticas criativas antes que elas tenham começado. A lógica que sustenta é baseada no desenvolvimento do pensamento através da liberdade, exploração dialógica, complementaridade e reflexão contínua, até o ponto de conceber um diálogo frutífero que não ignora o existente, mas tenta re-

presentar algo novo a partir de rotas desconhecidas.

Ambas as percepções demonstram o substrato transcomplexo baseado na reflexão, relações sinérgicas, complementaridade, lógica dialética contínua e no reconhecimento de uma realidade mutante, inacabada e incerta com mais perguntas do que respostas, reconhecendo o interesse na curiosidade e maravilha que dá lugar a novas possibilidades, algo que a harmonia da filosofia e da música já experimentou anteriormente. Dessa forma, é evidente que, como ciência e pesquisa, há outras experiências como música e filosofia que convidam o homem a constantemente mutar, adaptar, em outras palavras, a permanecer em movimento entre melodia e pensamento.

### **Uma melodia reflexiva, um pensamento como conclusão**

A filosofia e a música representam, cada uma a partir de sua própria perspectiva, a necessidade da humanidade de evoluir e incitar um estado de consciência que permite o estabelecimento de relações contínuas, sinérgicas, complementares e recursivas sob o halo de uma lógica dialógica e integradora com a realidade. Tais fatos permitem o estabelecimento de um estado de consciência, chamado de "transcomplexo", que possibilita a conexão, redimensionamento e redefinição de múltiplos conceitos, teorias e posições, resultando em novas maneiras de ver e reinterpretar a realidade em sua constante construção e desconstrução. Este último aspecto é motivado por sua natureza mutável e inacabada.

Estudar música envolve uma jornada pelas ciências, outras artes e filosofia, não apenas com a intenção de enriquecer a narrativa e suas composições, mas para permanecer alerta às mudanças ambientais. Enquanto isso, a filosofia é um convite ao encantamento, curiosidade, questionamento e aprendizado contínuo sob um amor pelo conhecimento. Dessa forma, a arte do som e do pensamento compartilham a busca e construção comuns da perfeição emocional, entendendo a realidade e guiando-se através de vestígios de encanto e harmonia presentes numa realidade incerta.

O mencionado permite refletir sobre como outras experiências humanas, inconscientemente, evoluíram e se concentraram em rotas baseadas em transcomplexidade. Esse fato consolida a necessidade de novas relações entre ciências e artes que aderem à realidade numa tentativa de aprofundar sua compreensão fugaz sobre ela. A transcomplexidade deve promover e manter essa consciência ética e ecológica que expõe a relação entre o indivíduo e sua realidade, ambos imersos no espectro da incerteza.

É neste contexto que os seres humanos podem capturar a beleza em várias expressões e conhecer novos caminhos para a busca do conhecimento. Como músicos, filósofos, pesquisadores e seres humanos, conectam o cosmos interno ao externo, mediando entre o macro e micro cosmos vibracional através dessa relação harmônica, ética e estética.

Essas relações são contrárias ao dogmatismo, ao pensamento hermético e ao desenvolvimento

unidisciplinar. O objetivo é estabelecer uma relação transcomplexa, dado que a música não é governada por uma lógica linear, indutiva ou dedutiva. Ela pode transmitir e criar, em um instante para o indivíduo, uma constelação de conceitos, indo além deles para envolver sentimentos e situações, demonstrando sua capacidade de ressoar com várias experiências humanas.

A música e a filosofia são os precedentes que a transcomplexidade utiliza para convidar os seres humanos a navegarem eticamente entre ciência e arte, através da harmonia vista como uma expressão dialógica conciliatória entre posições aparentemente antagônicas, reconciliando a vibração da realidade com a ressonância interna do indivíduo. Por isso, as novas gerações devem englobar músicos, filósofos, artistas, cientistas, homens de fé e ciência, em outras palavras, todas as facetas que proporcionam maior discernimento e reflexão sobre a realidade, já que a vida é melodia e transmite pensamentos e ideias, e a verdadeira filosofia é uma orquestra nascida do ser. A transcomplexidade é a consciência que orquestra e liga todos os nossos pensamentos e realidades através da harmonização entre aprender e maravilhar-se.

### Referências

- Aguilar, A. (2017). *Filosofía y Música*. Universidad Panamericana. <https://www.youtube.com/watch?v=zYXWmqwILY8>
- Dilthey, Q. (1976). *The Rise of hermeneutics*, in P. Connerton (Dir), *Critical sociology*, Penguin.
- Martínez, M. (2015). *Epistemología y metodología en las ciencias sociales*. Editorial Trillas.
- Merleau-Ponty, M. (1976). *Fenomenología de la percepción*. Editorial Península.
- Nicola, U. (2008). *Atlas Universal de Filosofía. Manual Didáctico de autores, textos, escuelas y conceptos filosóficos*. Editorial Océano.
- Sacks, O (2009). *Musicofilia: relatos de la música y el cerebro*. Editorial Knopf.